

REPORTAGEM ESPECIAL

O FUTURO ESTÁ NA SALA DE AULA

No Estado, mais de 3 mil detentos estão apostando no estudo

FOTOS: VITOR JUBINI

FREDERICO GOULART
fgoulart@redgazeta.com.br

Quando se viu trancado dentro de um presídio, há cinco anos, Isaías Oliveira, 46, imaginou que sua vida estaria terminando ali. Preso por tráfico de drogas, ele sabia que poderia perder alguns anos, e que esse tempo tornaria qualquer recomeço quase impossível. Seis meses depois, passou a frequentar as primeiras aulas que o fariam, enfim, avançar da quinta série.

Hoje, com o diploma de técnico em logística nas mãos, ele já enxerga um futuro diferente. Seu exemplo reflete a realidade de muitos outros presos do Estado. De 2006 para cá, segundo dados da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), o número de detentos que estudam nas unidades prisionais capixabas cresceu aproximadamente 2.114%.

O Espírito Santo é hoje a segunda unidade da federação nesse ranking, perdendo apenas para o Estado de Pernambuco. Ao todo são 3,3 mil atendidos pela oferta educacional, o que representa 21% do total.

Entre as mulheres, os números são ainda mais positivos. Nesse quesito, o Estado tem o maior índice nacional: cerca de 60% estão estudando, e o índice de analfabetismo entre elas é quase zero.

ESCOLARIDADE

Segundo o secretário de Justiça, Sérgio Alves Pereira, esse é o reflexo da reforma das unidades prisionais pela qual o Estado passa desde 2006. Hoje, o trabalho de ressocialização é pautado no tripé trabalho, qualificação profissional e educação. “Conseguimos reduzir o índice



Isaías, Alexandre e Edson estudam diariamente no Complexo Penitenciário de Xuri. Eles esperam por nova vida quando saírem de lá

de analfabetismo a quase zero, mas a baixa escolaridade ainda é grande e menos de 1% está no ensino superior”, avalia.

O secretário aponta que, na maior parte dos casos, não se trata de um trabalho de ressocialização, mas de socialização. “Para a grande maioria, essa é a primeira oportunidade para estudar e trabalhar que eles têm.

Pereira explica que 27 unidades prisionais já contam com o padrão avançado de estrutura, onde 29 cursos profissionalizantes são oferecidos. Resta ainda a reforma de outras sete. “Nessas unidades antigas ainda não há espaço adequado para que as aulas sejam ministradas”.

PRECONCEITO

Ainda que os detentos estejam ampliando sua formação, ainda não é fácil sua aceitação no mercado de trabalho. “Prevalece um sentimento de vingança

para afastar essas pessoas do convívio social. Temos que nos empenhar mais para impedir que esse ponto de vista permita que eles voltem de forma progressiva ao mundo do crime”

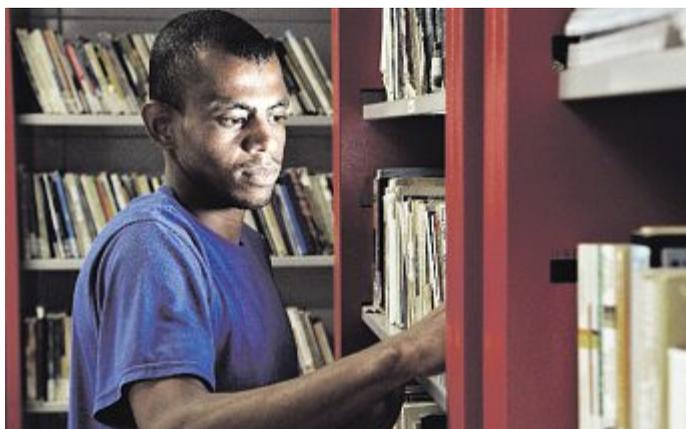
avalia o secretário.

E Sérgio Alves Pereira argumenta que a participação da família é fundamental. “Eles precisam cobrar dos empregadores e deixar clara a importância da oportuni-

dade. A parte do Estado também é forte nesse sentido. Nosso objetivo é ampliar o nível de escolaridade dos internos, qualificá-los profissionalmente e inseri-los no mercado de trabalho ainda durante o cumprimento da pena e prepará-lo a uma vaga de trabalho assim que deixarem o sistema prisional”, argumenta.

PROFISSIONAIS

Para o secretário de Estado de Educação, Klinger Barbosa, os professores alocados em cada unidade têm a mesma referência dos da escolas da rede. “Nosso planejamento para o próximo ano é fortalecer a formação profissional oferecida nas unidades”.



“Os livros que a gente lê ajudam a nos transportar para fora dessa realidade. Tem hora que até esqueço que estou preso”

EDSON FERREIRA
31 ANOS

A EDUCAÇÃO NOS PRESÍDIOS

Presos estudando

▼ Ranking

- Atualmente, são 3.339 mil presos do Estado estudando desde a alfabetização até o Ensino Médio e na modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA)
- Enquanto a média nacional de presos na escola é de 10%, o índice do Estado é de 21% da população carcerária
- Considerando apenas os presos condenados, esse índice passa para 34% no Estado
- O índice de presos provisórios estudando é bem menor, de 7%, já que muitos deles não permanecem no sistema durante muito tempo ou são transferidos de unidade

▼ Crescimento

▼ Sete anos

- O número de alunos nos presídios capixabas cresceu 2.114% desde 2006, quando 149 estudavam

Ranking

▼ Média nacional

O Espírito Santo é o segundo no ranking nacional, perdendo apenas para Pernambuco, onde 24,3% dos 27,8 mil detentos estudam
- De 2008 a 2012 houve uma evolução de 44,5% no total de presos em atividade educacional no país. Ainda assim, esse número é muito pequeno em relação ao total do número de presos, chegando somente a 9% deles
- No Brasil, 94 em cada 1.000 presos estavam exercendo algum tipo de atividade educacional em 2012

Mulheres

▼ Resultado positivo

O Estado também tem o maior índice de mulheres estudando (60%). O índice de analfabetismo é zero

Retrato do Estado

▼ Ensino superior

Um detento (homem)

▼ Ensino médio

726 (149 mulheres e 577 homens)

▼ Ensino fundamental (de 1ª a 4ª)

1.077 (114 mulheres e 963 homens)

▼ Ensino fundamental (de 5ª a 8ª)

1.536 (260 mulheres e 1.276 homens)

Estrutura

▼ Oferta educacional

- Para 2013, foram contratados 230 professores para as 27 unidades onde há salas
- Hoje, são 35 unidades prisionais. Dessas, 27 contam com salas de aula. Em 2006, eram apenas 3

Cursos

▼ Qualificação

- Em 2013, a expectativa da Sejus é ofertar 5 mil vagas em 50 diferentes cursos de qualificação.

São cursos presenciais e à distância

- Há vagas nas áreas de informática, costura industrial, confeitaria, panificação, manicure, cabeleireiro, eletricista básico, bombeiro hidrossanitário, gesseiro, entre outros
- Até junho de 2013, estão previstos mais três laboratórios para qualificação profissional (costura, tijolos ecológicos e panificação)
- A carga horária varia de acordo com cada capacitação. Os cursos ofertados à distância duram 14 horas, já os cursos presenciais têm duração entre 24 e 240 horas

Egressos

▼ Faculdade

- Em 2012, 1.327 presos fizeram a prova do Enem. Com a nota, alguns egressos do sistema prisional conquistaram vagas em algumas faculdades

ESPERANÇA

“FIQUEI DEZ MESES PRESO E FOI LÁ QUE ENCONTREI MINHA OPORTUNIDADE”

C.

32 anos

Da prisão à carreira do Direito

« A pressão da falta de dinheiro e de comida para a família me fez entrar no mundo do crime. A realidade é que, na maioria dos casos, o ser humano se adapta ao meio. O meu era de crime, tráfico e homicídio. Não fui exceção. Particpei de um sequestro relâmpago e fui preso. Quando consegui o relaxamento (da prisão), desapareci. Só

me acharam dez anos depois. Fiquei dez meses preso e foi lá que encontrei minha oportunidade. Concluí o ensino médio e comecei a faculdade de Direito quando fui para o semiaberto. Hoje, estou no 6º período e quero a carreira criminal. Quero montar estandes em comunidades carentes para atender aos mais pobres. Depois que a gente sai, o preconceito é grande, inclusive do Estado. A burocracia para conseguir regularizar a documentação nos tira grandes oportunidades.

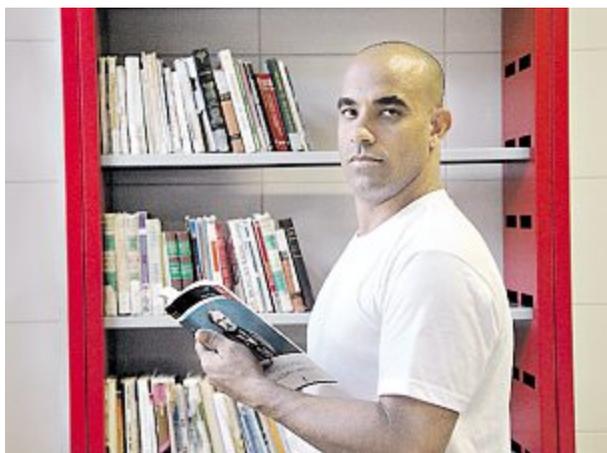
GUSTAVO RIBEIRO

LIVROS

“NUNCA HAVIA LIDO UM LIVRO. AGORA, JÁ TENHO MAIS DE 35 NO CURRÍCULO”

Alexandre Rodrigues dos Santos

34 anos



Portas abertas e novo sonho

« Estou aqui há quatro anos e entrei por causa de meu envolvimento com o tráfico. Só havia cursado até a 5ª série. Quando fui preso pela terceira vez, decidi estudar. Naquela época, eu valia ferro; hoje, valho ouro. Quando somos muito pobres, temos vontade de ter o que não

podemos. Mas essa é uma vida mentirosa. Era muito triste ouvir meu filho pedindo a ajuda no dever de casa e não conseguir responder. Eu nunca havia lido um livro antes. Em três anos, já tenho mais de 35 no currículo. E virei fã de Sidney Sheldon. Quando sair, sei que terei portas abertas em pelo menos seis profissões por conta dos cursos que fiz aqui, como gesseiro, pintor e eletricista. E quero tentar uma faculdade de Engenharia.



A professora Irani Tavares e os alunos: “Todos os credos são respeitados”

Em Cachoeiro, a recuperação vem pela Palavra de Deus

« O cenário é de um refeitório. No lugar de pratos e talheres, há apostilas e Bíblias. A fome na Penitenciária Regional de Cachoeiro de Itapemirim, no Sul do Estado, não é de alimento, mas sim de conhecimento da Palavra de Deus. São 24 detentos que participam, toda sexta-feira, das aulas ministradas por uma seminarista, que não recebe pelo trabalho realizado.

O uniforme dos estudantes é o padrão da unidade: camisa amarela e calça ou bermuda laranja. As aulas de Teologia Básica são ministradas há um

ano. No início, eram 30 alunos, mas como alguns deles conseguiram passar para o regime semiaberto o número caiu para 24.

SEM RESTRIÇÃO

Segundo a professora e seminarista Irani Rodrigues Tavares, o curso não está restrito a religião específica, e nele transmitem-se os ensinamentos de Deus. “Aceitamos aqui todo o tipo de credo e não trazemos rótulos”, disse. O curso chegou ao presídio por meio de uma instituição de Piúma, no Litoral Sul, que o custeia.

A escolha dos alunos é

feita pelos próprios detentos. De acordo com a seminarista, durante os cultos realizados na unidade, foram selecionados os nomes daqueles que participariam. As aulas têm duração de duas horas, e os detentos são de nível de escolaridade diferentes.

“Os que têm maior dificuldade recebem ajuda dos colegas”, explica Irani. Depois de 12 meses de aulas e após aprovação, os alunos recebem um diploma e podem fazer o Curso de Bacharelado em Teologia para dar sequência aos estudos. (Gustavo Ribeiro)

NOVA CHANCE

“NO CURSO, ME REENCONTREI COM DEUS”

Cristiano Miranda

34 anos



« Para mim, este curso que estou fazendo agora foi uma grande oportunidade que apareceu no meu caminho para me encontrar com Deus. Antes de entrar aqui, fui evangélico por seis anos. Isso foi antes de me enveredar pelo mundo do crime. Antes tivesse seguido a Palavra de Deus. Graças a Ele, aqui dentro encontrei uma nova oportunidade. E, com ela, espero mudar de vida e continuar seguindo minha fé.